

Exegese: O que é e como fazer?¹

João Paulo Thomaz de Aquino²

Introdução

Interpretar o Novo Testamento nunca foi fácil. Formalmente, podemos dizer que a história da interpretação começa com o apóstolo Pedro afirmando que há certas coisas nas cartas de Paulo que são difíceis de entender e que há pessoas ignorantes e mal-intencionadas que pervertem o sentido correto das Escrituras (2 Pedro 3.15-16). Nem saímos do próprio Novo Testamento e já vemos dificuldade e má interpretação do próprio!

Outros textos também evidenciam dificuldades de interpretação na Igreja primitiva (1 Coríntios 5.9-11, possivelmente 1 João). Ainda no Novo Testamento também temos o problema de autenticidade autoral (2 Tessalonicenses 2.2; 3.17; Gálatas 6.11), a acusação de falta de coerência entre o autor e seus escritos (2 Coríntios 10.10) e até uma dica sobre transmissão textual (Colossenses 4.16). Outra evidência da dificuldade de interpretação é que às vezes o próprio texto apresenta dicas necessárias para a sua interpretação: Apocalipse 1.20; Lucas 8.9-11.

Temos um exemplo neotestamentário muito interessante desse processo de interpretação na conversa do diácono evangelista Filipe com o Eunuco em Atos 8.26-40. O processo começa com a leitura (em voz alta) por parte do Eunuco (At 8.29). Filipe, movido pelo Espírito Santo, pergunta ao homem: “O senhor entende o que está lendo?” Note que ler não é o suficiente. A Bíblia não é um livro de magia que libera poder pela sua leitura ou por ficar aberta em algum texto especial. O eunuco precisava compreender. É interessante que ele admite que não estava entendendo e fala da importância de ter um intermediário que pudesse lhe explicar: “Como poderei entender, se ninguém me explicar?” (ὁδηγήσει, At 8.31). A palavra grega usada pelo eunuco, implica em alguém conduzir o outro ao conhecimento desejado. O próximo passo desse

¹ A metodologia exegética aqui apresentada é fruto de diversas influências e de anos de aprimoramento, embora certamente ainda tenha as suas limitações e espaço para desenvolvimento. Em primeiro lugar gostaria de tributar minha gratidão aos professores Revs. Sebastião Arruda e João Alves dos Santos (*in memoriam*), que me ensinaram com maestria o método exegético que haviam aprendido com o Dr. Gerard Van Groningen. Certamente o texto a seguir tem como aquele método como cerne. Depois dos anos do seminário, ministério pastoral, livros e cursos acadêmicos também foram dando forma ao método. A docência no [Seminário JMC](#) e, especialmente, o convívio com os colegas professores e a docência no [Centro Presbiteriano de Pós Graduação Andrew Jumper](#) têm tido impacto significativo no desenvolvimento da metodologia exegética aqui esboçada. Por fim, agradeço aos participantes grupo exegético do Encontro de Coordenadores de Área dos Seminários Presbiterianos, organizado pela JET-IPB. Alguns dos resultados das discussões daquele encontro também podem ser encontrados nestas páginas. Sugestões e críticas: joao.aquino@mackenzie.br. **Versão Setembro de 2020.**

² Doutorando em Novo Testamento na *Trinity International University*; Doutor em Ministério pelo Centro Presbiteriano de Pós Graduação Andrew Jumper (2014), Mestre em Novo Testamento pelo *Calvin Theological Seminary* (2009), Mestre em Antigo Testamento pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (2007) e bacharel em Teologia no Seminário Teológico Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição. Professor no CPAJ. É ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil e editor dos websites issoegregio.com.br e yvaga.com.br.

processo de exegese, foi levantar uma pergunta a partir do texto: “Peço que você me explique a quem se refere o profeta. Fala de si mesmo ou de outra pessoa?” (At 8.34). Então, o exegeta e pregador Filipe usou mais alguns conceitos fundamentais para a boa exegese: análise canônica, história da redenção e cristocentricidade: “Então Filipe explicou. E, começando com esta passagem da Escritura, anunciou-lhe a mensagem de Jesus”. Veja que a partir dessa passagem (implica o uso de outras), Filipe apresentou o evangelho e chegou na pessoa de Jesus Cristo. Uma metodologia exegética baseada nesse encontro implicaria em leitura, levantar perguntas a partir do texto, consulta a auxílio, interpretar o texto à luz de outros textos, localizá-lo na história da redenção e encontrar o seu significado na pessoa de Jesus Cristo. O resultado daquela exposição exegética foi a conversão daquele oficial da etíope, seu batismo e grande alegria (At 8.37-38).

Interpretar a Bíblia muitas vezes será difícil, mas vale a pena! Os frutos gerados pela Palavra bem interpretada são incomparáveis. Com esse testemunho do próprio Novo Testamento, não é de se exasperar o fato de que os dois mil anos que se seguiram da escrita dos livros tenham apresentado dificuldades, discordâncias e má intenção. É necessário conhecimento, capacidade de leitura e ação sobrenatural do Espírito para que a esperança dos evangelistas se concretize: quem lê entenda (Mateus 24.15; Marcos 13.14).³

O objetivo deste manual é apresentar algumas das ferramentas necessárias para interpretar os textos do Novo Testamento, ou, para usar a metáfora de Grant Osborne, aqui estamos apresentando os utensílios e ingredientes para a produção de uma comida gourmet.⁴

³ Além dessas, temos no Novo Testamento outras referências a pessoa responsável por ler o texto em voz alta diante da igreja: 1 Tessalonicenses 5.27; Apocalipse 1.3

⁴ “A metáfora que eu quero perseguir é aquela da culinária eu quero ensinar os meus estudantes a como preparar uma comida gourmet na Palavra de tal forma que eles possam prover comida sólida para aqueles que foram entregues ao seu cuidado” (cf. Hb 5.14)” Grant Osborne, *The Hermeneutical Spiral*, 2nd Ed. Downers Grove: Intervarsity Press, 2007, p. 15. Sobre o processo hermenêutico proposto por Osborne, lemos: “A premissa principal desse livro é que a interpretação bíblica implica em uma “espiral” do texto para o contexto; do seu significado original para a sua contextualização ou significância para a igreja hodierna. Desde a nova hermenêutica os estudiosos gostam de descrever um ‘circulo hermenêutico’ dentro do qual nossa interpretação do texto leva à interpretação que o texto faz de nós. No entanto, um círculo fechado dessa forma é perigoso porque a prioridade do texto é perdida na consciência (Gestalt) compartilhada do ‘evento linguagem’ (veja Packer 1983: 325-327). Uma espiral é uma metáfora mais apropriada porque não é um círculo fechado, mas, em vez disso, um movimento aberto do horizonte do texto para o horizonte do leitor. Eu não estou andando interminavelmente em um círculo fechado que nunca pode detectar o significado verdadeiro, mas estou espiralando para cada vez mais perto do significado pretendido pelo texto à medida em que eu refino as minhas hipóteses e permito que o texto continue a desafiar e corrigir as interpretações alternativas, e então guie a minha delimitação de sua importância para a minha situação de hoje. O significado pretendido pelo autor sagrado é o ponto de partida crítico, mas não é um fim em si mesmo. A tarefa da hermenêutica deve começar com a exegese, mas não está completa até uma nota sobre a contextualização daquele significado para hoje... Somente uma hermenêutica cuidadosamente definida pode manter alguém casado com o texto” Grant Osborne, *The Hermeneutical Spiral*, 2nd Ed. Downers Grove: Intervarsity Press, 2007, p. 22-23. William Klein, Craig Blomberg e Robert Hubbard (1993, p. 12-16) apresentam quatro grandes abismos na interpretação: tempo, palavras e expressões, cultura, geografia e linguagem. Quanto a espiral hermenêutica, eles dizem: “The “hermeneutical spiral” takes place not only at the level of original intended meaning, as our understanding spirals upward (via the interaction of inductive and deductive research) to the intended meaning of the passage, but also at the level of contextualization, as our application spirals upward (via the movement from biblical to systematic to homiletical theology) to a proper understanding of the significance of the passage for Christian life today”. (p. 32) William Klein, Craig Blomberg e Robert Hubbard. *Introduction to Biblical Hermeneutics*. Grand Rapids: Zondervan, 1993.

Cássio Murilo Dias da Silva atribui níveis diferentes de leitura da Bíblia, sendo eles: oração (leitura devocional procurando respostas para nossos anseios pessoais e um diálogo com Deus), liturgia (foco nos fatos históricos que compõe a história da redenção), catequese (leitura visando dogmas e ensinamentos morais), teologia (visa a articular uma reflexão mais racional informada por outras áreas do conhecimento, como a filosofia e a história) e exegese (entender o texto em si e sua relação com outros textos, usando diversas ferramentas especializadas). Depois de propor essa divisão, o autor diz: “As conclusões a que chegamos em um nível de leitura podem confirmar, negar ou redimensionar as conclusões dos outros. Por exemplo: no nível da Exegese, sabemos que Adão e Eva jamais existiram... mas isso não nos impede de utilizá-los em nossa Catequese”.⁵

Note que nessa proposta acima, esses níveis diferentes de leitura podem ser antagônicos e excludentes! A razão disso é que a hermenêutica que subjaz a metodologia exegética de Da Silva dá muito mais autoridade ao leitor e ao texto do que ao autor original do mesmo. Nossa hermenêutica não compactua com essa tese, mas *busca compreender o significado que o autor humano original, inspirado por Deus, atribuiu ao texto para aquela comunidade específica com a qual estava se comunicando e as implicações e aplicações contemporâneas de tal significado*. Assim, é até possível dizer que existam níveis diferentes de exegese, mas esses níveis, se corretamente interpretados, não devem diferir em substância, mas apenas em precisão. Como dizem Klein, Blomberg e Hubbard: “Para usar uma metáfora moderna, exegese é uma forma de leitura e estudo da Bíblia de alta resolução. Os pixels detalhados dão cor e profundidade à mensagem que a Bíblia contém. Assim, um manual de exegese é uma forma de estudo bíblico de alta tecnologia, onde opções e nuances são julgados e apreciados.”⁶

Nenhum manual consegue dar conta de ensinar todas as ferramentas *científicas* e existe um *aspecto artístico* na interpretação bíblica que não se reduz à ferramentas e um *aspecto espiritual* que só se torna possível de ater com uma ação sobrenatural do Espírito Santo.⁷ O nome que se dá ao ramo da teologia que estuda a prática da interpretação bíblica é metodologia exegética.

Originalmente, a palavra grega ἐξηγέομαι (*exegéomai*), de onde vem exegese, tem as seguintes acepções: (1) relatar em detalhe, dizer, reportar, descrever; (2) apresentar com grande detalhe, expor.⁸ A palavra é usada no Novo Testamento em lugares como Lucas 24.35, quando os discípulos do caminho de Emaús contam (ἐξηγοῦντο) aos demais discípulos como Jesus aparecer a eles; João 1.18 que apresenta Jesus

⁵ Cássio Murilo Dias da Silva, *Metodologia de Exegese Bíblica*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 30

⁶ William Wade Klein, Craig Blomberg, Robert L. Hubbard, *Introduction to Biblical Interpretation*. Word Publications, 2003, p. 17

⁷ Segundo Osborne, hermenêutica é uma ciência, uma arte e um ato espiritual. Ciência no sentido de ter regras e conhecimentos envolvidos na tarefa, arte no sentido de ser uma habilidade adquirível e passível de desenvolvimento e um ato espiritual em que se depende da ação do Espírito no processo. Grant Osborne, *The Hermeneutical Spiral*, 2nd Ed. Downers Grove: Intervarsity Press, 2007, p. 21-22.

⁸ William Arndt et al., [*A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*](#) (Chicago: University of Chicago Press, 2000), 349.

Cristo como a melhor exegese de Deus Pai;⁹ Atos 10.8, quando Cornélio conta aos seus servos a visão e a conversa que teve com o anjo; At 15.12, 14, Paulo e Barnabé, no concílio de Jerusalém, contanto como Deus os estava usando entre os gentios e Pedro contando como ele primeiramente foi usado por Deus para levar o evangelho aos gentios; e At 21.19, em que Paulo conta minuciosamente aos presbíteros de Éfeso tudo o que Deus estava fazendo por seu intermédio.

No uso acadêmico-teológico atual, a palavra exegese tem duas acepções que nos interessam: (1) a pesquisa empreendida por alguém, visando extrair de um texto antigo o seu significado correto; e (2) o trabalho acadêmico produzido como fruto da referida pesquisa.

Quando um professor de seminário ensina exegese, o que se tem em vista é o primeiro significado. O objetivo é que os alunos aprendam a ler corretamente os escritos de um determinado autor bíblico ou de um gênero literário específico, a fim de saber ensinar e aplicar aquele texto. A forma que os professores usam para verificar se os alunos apreenderam o conteúdo ensinado, é pedindo uma exegese, na segunda acepção citada do termo.

Evidentemente, há diversas outras definições, cada qual com sua ênfase específica. Recomendo ao leitor que gaste um tempo, tentando encontrar as características principais de cada uma das definições abaixo e então tente fazer uma definição que abarque aquilo que parece realmente essencial a uma exegese.

Exegese é, pois, o trabalho de explicação e interpretação de um ou mais textos bíblicos (WEGNER, 2009, p. 11).

Uma explicação que procura fazer uso de vários recursos e instrumentos científicos para entender o texto das Sagradas Escrituras (Aurélio Buarque de Holanda Ferreira in WEGNER, 2009, p. 11).

Exposição de uma palavra, sentença, parágrafo, ou de um livro inteiro, levando ao significado verdadeiro e exato do texto (GRASSMICK, 2009, p. 10)

A hermenêutica bíblica designa mais particularmente os princípios que regem a interpretação dos textos; a exegese descreve mais especificamente as etapas ou os passos que cabe dar em sua interpretação (WEGNER, 2009, p. 11).

No sentido amplo, exegese é o cuidadoso, estudo metodologicamente autoconsciente de um texto, empreendido com a finalidade de produzir uma interpretação acurada e útil do mesmo. Falando de forma mais estrita, o termo *exegese* é frequentemente usado para denotar o esforço de estabelecer o

⁹ <https://yvaga.com.br/2017/03/26/a-melhor-exegese-o-melhor-exegeta-joao-1-1-18/#:~:text=Jesus%20%C3%A9%20a%20melhor%20exegese,n%C3%B3s%20nos%20tornamos%20seus%20filhos.>

sentido filológico e histórico de um texto bíblico (o que significou), em contraste com seu sentido aplicativo (o que significa) (SOULEN; SOULEN, 2001, p. 57).

Uma exegese é um estudo analítico completo de uma passagem bíblica, feito de tal forma que se chega à sua interpretação útil. Uma exegese é uma tarefa teológica, mas não mística. Existem certas regras e padrões sobre como fazê-la, embora os resultados possam variar em aparência, uma vez que as próprias passagens bíblicas variam bastante entre si (STUART, 2008, p. 23).

Do ponto de vista estrito, portanto, *a pesquisa exegética visa trazer à tona o significado de um texto antigo, conforme o autor original pretendeu transmiti-lo aos seus leitores originais*. Como cremos, entretanto, que a Bíblia é a palavra de Deus escrita para todas as épocas, logo, temos *o dever de atualizar o significado do texto para a nossa época e, à luz dos demais textos das Escrituras, transformar este ensino em regra de fé (teologia, ortodoxia) e de prática (ortopraxia)*.

A Exegese Escrita

Focalizando, agora, na exegese como trabalho, podemos propor uma definição operacional: *Exegese é um trabalho acadêmico no qual o autor expõe a sua interpretação de uma porção bíblica que contenha uma ideia completa (perícope) e estabelece como a sua interpretação se relaciona com outras interpretações do mesmo texto*. Para produzir uma exegese, portanto, é necessário: 1) fazer a própria interpretação do texto em sua língua original e 2) comparar a sua interpretação com a de outros exegetas (comentários e artigos acadêmicos), estabelecendo um diálogo com tais interpretações. Além disso, 3) também intentamos que o trabalho escrito contenha a compreensão do estudante de como aquele texto coopera com a teologia e com a prática cristã.

O trabalho exegético é, portanto, *o relatório escrito da pesquisa exegética empreendida pelo estudioso*. Como em outros trabalhos acadêmicos, é evidente que nem tudo o que foi pesquisado e produzido durante o processo da pesquisa deve aparecer no trabalho escrito, mas somente o conteúdo importante à compreensão e explicação do texto, aquilo que for relevante, desconhecido ou original e as conclusões da pesquisa, ou seja, as respostas para os problemas que o texto oferece.

Quanto à metodologia, a exegese feita no Brasil deve seguir as regras metodológicas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), encontradas em qualquer livro atualizado de Metodologia da Pesquisa, bem como da instituição específica na qual o trabalho está sendo entregue.

Existem diferentes modelos de trabalho exegético escrito. Livros e textos como [Manual da Exegese Bíblica](#); [Exegese do Novo Testamento](#) e o [Manual de Exegese Bíblica do SPBC](#), juntamente com diversos outros e somados ainda aos manuais não publicados de professores de seminários *tornam evidente a falta de padrão dos passos exegéticos a serem relatados*. Em que pesem as diferenças, entretanto, existem diversos passos exegéticos que se repetem na maioria dos manuais. O que pretendemos fazer a seguir, é apresentar uma proposta de trabalho exegético. *O estudante não deve se sentir preso a pesquisar e escrever nesta mesma ordem*. A pesquisa é dinâmica e deve ser empreendida com liberdade de ir de um passo para outro e produzir vários ao mesmo tempo. A apresentação escrita dos resultados da pesquisa exegética, entretanto, precisa ter uma estrutura. É essa que propomos a seguir.

O trabalho exegético é dividido em três partes principais: o estudo contextual, o estudo textual e o estudo teológico. Ao método hermenêutico que rege a produção de um trabalho como este podemos chamar de método histórico-gramatical-teológico informado. Este método tem por base os pressupostos de inspiração divina e proposicional das Escrituras, mas ao mesmo tempo utiliza informações oriundas de abordagens que não compartilham este pressuposto. A estrutura da exegese é a seguinte:

CAPA

FOLHA DE ROSTO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

TEXTO BÍBLICO

1 ESTUDO CONTEXTUAL

1.1 Contexto Histórico

1.2 Contexto Literário

1.2.1 Contexto do Livro Todo

1.2.2 Contexto Remoto

1.2.3 Contexto Próximo

1.2.4 Estrutura do Contexto Próximo

1.3 Contexto Canônico

1.3.1 Antigo Testamento

1.3.2 Novo Testamento

2 ESTUDO TEXTUAL

2.1 Texto Grego

2.2 Tradução Literal

2.3 Tradução Dinâmica

2.4 Defesa da perícopes e divisões

2.5 Esboço Mecânico

2.6 Definição de gênero e subgênero literário (estudo da forma)

2.7 Comentário

2.8 Mensagem para a Época da Escrita

3 ESTUDO TEOLÓGICO

3.1 Mensagem para hoje

3.2 Teologia do Texto

3.2.1 Implicações para a Teologia Bíblica

3.2.2 Implicações para a Teologia Sistemática

3.2.3 Implicações para a Teologia Prática

CONCLUSÃO

REFERÊNCIAS

Expliquemos, agora, as partes acima que carecem de explicação.

INTRODUÇÃO – O objetivo principal de uma introdução é apresentar o teu trabalho, de tal forma que desperte a atenção do leitor. Em suma, você deve convencer o leitor que valerá a pena gastar tempo para ler o seu trabalho, ou seja, você apresentará a relevância do mesmo. Parte disso, será a apresentação de uma declaração clara, explícita e concisa da ideia exegética do seu texto. A ideia exegética é a proposição (tese, afirmação principal) do texto, ou seja, o que o texto ensina. A relevância pode ser justificada nas áreas pessoal (importância para você), eclesiástica (para a igreja), acadêmica (para os estudos), missional (para os não cristãos) e doxológica (como o texto contribui para a glória de Deus).

TEXTO BÍBLICO – Nesta seção você vai transcrever o texto escolhido, utilizando a versão bíblica mais utilizada pelos leitores para o quais você está escrevendo, sugerimos a NAA, [ARA](#) ou a [NVI](#).

1 ESTUDO CONTEXTUAL

Nesta seção você apresentará as informações contextuais que forem importantes para a compreensão da sua perícopes. Este estudo vai abordar aspectos históricos, literários e teológicos que lancem mais luz sobre o texto estudado.

1.1 Contexto Histórico da Passagem – nesta seção você vai apresentar informações históricas, geográficas, econômicas, políticas e/ou religiosas, ou seja, informações culturais que sejam relevantes para a interpretação do texto escolhido. Não se tem em vista, aqui, a priori, informações sobre autoria, destinatários e local de escrita, peculiares da introdução e análise de cada livro, mas informações especificamente relacionadas à perícopes em tela. Veja mais detalhes sobre isso em [Estudo Acadêmico do Novo Testamento: Como pesquisar o contexto cultural](#).

1.2 Contexto Literário da Passagem – você deverá analisar o contexto literário a partir de vários níveis. Deve começar com o contexto literário do livro como um todo, demonstrando como a sua perícopes se relaciona com a mensagem de todo o livro. Em seguida, após adotar um esboço do livro

como um todo ou de criar o seu, você deve demonstrar a importância de sua perícope na grande seção à qual ela pertence e vice-versa, ou seja, você analisará a relação entre o contexto remoto e o seu texto. Na terceira parte desta seção, você analisará o contexto literário próximo, ou seja, o papel de seu texto na pequena seção à qual ele pertence. A última parte desta seção será a elaboração de um gráfico, uma estrutura do contexto literário próximo que mostre graficamente aquilo que você descreveu no ponto 1.2.3.

1.3 Contexto Canônico – A última parte do estudo contextual é a apresentação sucinta do contexto canônico, ou seja, os textos bíblicos mais diretamente relacionados ao teu texto. Este tópico deverá ser dividido em passagens do Antigo Testamento e do Novo Testamento. Este tópico remete àquilo que os reformadores chamavam de *analogiae scripturae* (analogia das Escrituras) ou analogia da fé e está relacionado com a regra hermenêutica magna de que a Bíblia é a melhor intérprete de si mesma. Em vez de simplesmente fazer uma lista de textos, você deverá demonstrar brevemente qual é a relação do texto citado com o seu texto. Não é necessário transcrever o texto bíblico, mas apenas referenciá-lo.

2 Estudo Textual

A próxima parte do trabalho é o estudo textual, no qual o estudante vai analisar o texto propriamente dito usando diversas ferramentas e partir de diversas perspectivas. O estudante deverá evidenciar a sua pesquisa, bem como seu próprio trabalho de aplicação de ferramentas exegéticas ao texto. Apenas para relembrar, embora não se espere do estudante interação com todas essas escolas, mas algumas das escolas e técnicas de análise do texto com as quais o estudante pode interagir criticamente são as seguintes: [Interpretação Pré-Crítica](#); [Interpretação Teológica das Escrituras](#) (TIS); [Interpretação Cristocêntrica](#); [Crítica Textual](#); [Crítica de Fontes](#); [Crítica de Forma](#); [Crítica da redação](#); [Crítica da Tradição](#); [Crítica Radical](#); [Crítica Canônica](#); [Crítica \[Sócio\] Retórica](#); [Crítica da narração](#); [Crítica semiótica \(estruturalismo\)](#), [Análise do Discurso](#), [Narratologia](#), [Leitura atenta \(Close Reading\)](#), [Análise Epistolar](#), [Análise Sócio-linguística](#), [exegese psicológica](#) e as diversas hermenêuticas da libertação (negra, anticolonial, feminista, queer, etc.).

2.1 Texto Grego – aqui o estudante vai copiar o texto grego da NA28 ou UBS 5ª (alunos do seminário podem usar também o texto da SBL ou ἡ Καινή Διαθήκη (*Textus Receptus*). Por meio de notas de rodapé, o estudante vai comentar as suas escolhas com relação ao melhor texto e analisar o aparato crítico em diálogo com outras edições do texto grego. Alguns sites onde o estudante pode encontrar edições do Novo Testamento Grego são o [Laparola](#), o [SBLGNT](#) e o [Perseus](#).

2.2 Tradução Literal do Texto - *Depois de copiar o texto grego*, o aluno deverá fazer a sua própria tradução literal do mesmo, explicando em notas de rodapé as suas opções gramaticais, sintáticas e

semânticas. A sua tradução deverá “dialogar” com as versões existentes em português: [NAA](#), [ARA](#), [ARC](#), [NVI](#), BJ, Edição Contemporânea, [versões católicas](#), [NTLH](#), A Mensagem etc. O que queremos dizer com isto é que, quando a tradução divergir de uma destas ou quando as versões divergirem entre si, o aluno deverá justificar a sua opção de tradução em nota de rodapé. A tradução formal [ou literal] preocupa-se em respeitar a forma linguística do original. Por isso, sem deixar de ser compreensível, renuncia à compreensão imediata, para manter a fidelidade ao original. (Cássio Murilo Dias da Silva, Metodologia de Exegese Bíblica. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 30). Confira no site [Isso é Grego um passo a passo para a tradução literal](#).

2.3 – Tradução Dinâmica – Depois de fazer a tradução literal, o aluno deverá apresentar a sua própria tradução dinâmica da passagem. O desafio dessa tradução é ser tão precisa quanto possível com relação ao significado, comunicando ao mesmo tempo em português contemporâneo.

2.4 Defesa da perícopes e divisões – você vai explicar os motivos literários (gramática, convenções epistolares, aspectos narrativos, palavras-chave, convenções retóricas, quiasmos, inclusios, etc.) que o levaram a definir os limites da perícopes e as suas principais divisões internas. Vale a pena deixar esse ponto mais claro:

Como a leitura é um processo muito natural e automático, por vezes é difícil tornar suas partes conscientes e mecânicas. Isso acontece, por exemplo, na hora de apresentar as divisões de um texto, tanto suas divisões maiores: onde a perícopes começa e termina; quanto suas divisões menores: quais são os pontos principais desse texto. Os critérios que apresentamos a seguir são introdutórios e visam a ajudar o exegeta nesse processo.

Os elementos que indicam quebra de uma narrativa (normalmente início de perícopes ou de subseção) são: mudança de tempo, de espaço geográfico (cenário) e de personagem (aquelas mudanças que justificariam o início de uma nova cena em uma peça teatral), indicador de discurso direto, comentário do narrador, indicador de movimento, mudança de estilo ou assunto e expressões como *καὶ* (quando não está conectando cláusulas, mas eventos distintos), *ἐγένετο* (aconteceu), *μετὰ ταῦτα* (depois dessas coisas), *ἰδοὺ* (eis, veja), *τότε* (então).

No caso de textos epistolares, as marcas são outras, como por exemplo uso de formas conhecidas como introdução epistolar, ação de graças, conclusão epistolar, [fórmula de divulgação](#), fórmula parakalô (Παρακαλῶ οὖν ὑμᾶς, ἀδελφοί), construção *Περὶ δὲ*, perguntas (Τί οὖν, Ποῦ οὖν), conjunções lógicas (οὖν), vocativos (ἀδελφοί), *Τὸ λοιπόν* (quanto ao mais)

A conclusão de uma passagem fica clara pela indicação da nova seção e por palavras indicando mudança nos elementos narrativos que indicaram o início da perícopes, e comentários de conclusão e sumário. O exegeta deve tomar cuidado para não interromper o escritor no meio do seu

argumento ou de uma construção estilística como um quiasmo, um paralelismo, ou uma *inclusio*, nem deve interromper uma cena no meio. Como os livros bíblicos neotestamentários são um grande argumento em prol de um ponto, de alguma forma o intérprete sempre interromperá o discurso do escritor, mas ele deve fazer isso de forma consciente (do todo) e de maneira que se tenha separado um argumento ou cena com começo, meio e fim.

Os elementos principais de um texto narrativo normalmente aparecem no modo indicativo ou imperativo, os modos subjuntivo e particípio normalmente apresentam informações adicionais, porém não centrais. É evidente que, como essas informações modificam o assunto principal, elas não podem ser desprezadas. Citações são muito importantes, mas também não são o elemento central de um texto, sendo, em vez disso, argumentos em prol daquele.

As palavras de Cássio da Silva nos ajudam aqui a lembrar da importância das relações internas do texto:

Uma vez delimitada a perícope sobre a qual iremos trabalhar, precisamos estudá-la sob o aspecto frasal, isto é, avaliar cada frase, oração e unidade expressiva que compõe o texto e explicitar como estas mesmas frases, orações e unidades expressivas estão articuladas entre si e dão ao texto fluência e significação - pois o texto só significa alguma coisa na correlação destes seus elementos. (Cássio Murilo Dias da Silva, Metodologia de Exegese Bíblica. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 85)

2.5 Esboço Mecânico do Texto – O aluno deverá apresentar um esboço mecânico do texto, tanto em grego, quanto de sua tradução literal para o português, sendo sensível às divisões principais do texto. O gráfico deverá demonstrar como as partes do texto se inter-relacionam. Confira no site Isso é Grego um passo a passo de [como fazer o esboço mecânico](#). Alguns modelos que podem ser seguidos são, os gráficos do [www.opentext.com](#); Cascadia Syntax Graph of the New Testament (Logos Software), Lexham Syntactic Greek New Testament (Logos Software) ou The Lexham Clausal Outlines of the Greek New Testament (Logos Software). Ao trabalhar com o texto, tanto na tradução quanto no esboço, várias análises devem ser feitas pelo estudioso. Cássio da Silva diz: “Enquanto, na análise sintática, queríamos saber como o autor / redator articula as palavras, na análise estilística, nossa preocupação se volta para a maneira pela qual ele procura dar maior expressividade, maior colorido, maior vivacidade ao seu texto.”¹⁰ (p 155) O leitor bíblico deve ficar atento, portanto, para figuras de

¹⁰ Cássio Murilo Dias da Silva, Metodologia de Exegese Bíblica. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 155

linguagem como elipse e hipérbole; construções retóricas como repetições, ritmo; construções poéticas como quiasmo, *inclusio* e paralelismo.

2.6 Definição de gênero e subgênero literário (estudo da forma) – Neste tópico, você deve apresentar o resultado de sua pesquisa sobre o gênero literário do livro como um todo e, mais importante, do gênero literário de sua passagem em particular. Comentários bíblicos que usam os ditames da crítica de forma serão particularmente úteis nesse ponto, apesar de seus pressupostos errôneos no que concerne à não inspiração das Escrituras. Alguns dos gêneros e subgêneros literários que podem ser encontrados na Bíblia são: parábolas, provérbios, narrativas históricas, cartas, biografias, diatribes, apocalipses, homilias, códigos de lei, poesias hebraicas, credos, hinos, códigos de família, ação de graças, relatório de oração, entre outros.

2.7 Comentário – Explique a passagem, não como em um sermão ou estudo bíblico, mas como em um comentário bíblico, seguindo a estrutura proposta por você. Nesta seção você deve responder às questões levantadas pelos “problemas” do texto e comentar tudo aquilo que é relevante a um melhor entendimento da passagem, fazendo, inclusive, referência, quando propício, ao conteúdo anterior do seu próprio trabalho.

2.8 Mensagem para a Época da Escrita – o que o autor quis transmitir aos leitores originais? Que fim ele queria atingir através deste texto? Como os leitores/ouvintes originais devem ter recebido esta parte do documento? Você vai responder essas perguntas em suas próprias palavras, evidentemente, levando em consideração as informações que você levantou no contexto histórico.

3 ESTUDO TEOLÓGICO

A última parte de nosso trabalho, o estudo teológico do texto, acontece em decorrência de uma pressuposição assumida pela fé de que a Bíblia é a Palavra inspirada de Deus e, conseqüentemente, regra de fé e de prática (CFW 1.2) para todos os homens, embora muitos não a reconheçam como tal. Esta parte do estudo visa responder de forma acadêmica e profunda a pergunta: e o que esse texto antigo tem a ver conosco hoje?

3.1 Mensagem para hoje – Excluindo do ensino e das aplicações do texto aquilo que era circunstancial à época da escrita e considerando a situação contexto do estudante, qual é a lição deste texto para hoje? É esta pergunta que deverá ser respondida nesta seção.

3.2 Teologia do Texto – Qual a contribuição teológica deste texto, ou seja, seu ensino para todas as épocas?

3.2.1 Implicações para a Teologia Bíblica – nos termos técnicos e categorias da Teologia Bíblica. Você demonstrará qual é a contribuição de sua perícopes para os assuntos da TB, como, por exemplo, reino, pacto e mediador; promessa e cumprimento; revelação de Deus como sendo orgânica, progressiva, histórica e adaptável; teologia joanina, paulina, lucana, petrina; história de Deus: criação, queda, redenção e consumação; entre outros.

3.2.2 Implicações para a Teologia Sistemática – com as categorias da Teologia Sistemática: Prolegômenos; Teontologia; Antropologia; Cristologia, Soteriologia, Pneumatologia e Escatologia e as doutrinas específicas de cada uma dessas áreas como, por exemplo, pessoa teantrópica de Cristo, união com Cristo, angelologia; kenosis, decreto, lapso, etc.

3.2.3 Implicações para a Teologia Prática – implicações e aplicações da passagem estudada para o aconselhamento cristão e suas áreas específicas, educação cristã, missões urbanas e transculturais, conceito de Missio Dei, discipulado, edificação pessoal e comunitária, homilética e poimênica.

CONCLUSÃO

Na conclusão o aluno apresentará um resumo das principais conclusões de seu trabalho, falará sobre sua relevância e apresentará novamente a ideia exegética de texto. É bom que além de considerações finais o aluno apresente também formas pelas quais o estudo poderia ser mais bem desenvolvido no futuro e impactos que o mesmo causa em outras áreas da teologia.

REFERÊNCIAS

Como rezam as regras da ABNT, o trabalho deve conter uma lista das obras efetivamente referidas naquele trabalho acadêmico.

Palavras Finais

Fazer uma pesquisa exegética e produzir o trabalho exegético são empreendimentos extenuantes, que demandam um grande trabalho por parte dos estudantes. Não deve haver desânimo, entretanto. Com dedicação, envolvimento pessoal com o texto e competência para pesquisar pesquisa é possível produzir bons trabalhos exegéticos. A paga é o grande prazer de compreender bem uma porção das Sagradas Escrituras, ao ponto de poder ensiná-la e aplicá-la adequadamente.

Uma exegese bem feita é, praticamente, uma obrigação daqueles que creem que a Bíblia é a Palavra Inspirada de Deus, regra infalível de fé e de prática. Aqueles que tem o dever de ensinar o povo de Deus não tem o direito de pregar suas próprias ideias, mas somente aquilo que o texto realmente diz e com a máxima precisão possível. Assim, fazer exegese é imperativo para aqueles que se propõe a ensinar o texto bíblico.

É evidente que não é possível fazer todo esse trabalho antes de cada sermão a pregar. Mas o domínio de uma boa metodologia exegética e a aplicação dos passos sempre que possível e na medida possível, habilitarão aquele que ensina o dominar o texto cada vez melhor.

σπούδασον σεαυτὸν δόκιμον παραστήσαι τῷ θεῷ, ἐργάτην ἀνεπαίσχυντον, ὀρθοτομοῦντα
τὸν λόγον τῆς ἀληθείας... κήρυξον τὸν λόγον, ἐπίστηθι εὐκαίρως ἀκαίρως, ἔλεγχον, ἐπιτίμησον,
παρακάλεσον, ἐν πάσῃ μακροθυμίᾳ καὶ διδαχῇ.

Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade... prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina.

(2 Timóteo 2.15 e 4.2)